

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

IVANETE PIRES DE OLIVEIRA NEVES

O USO DO RÁDIO PÁTIO COMO VEÍCULO EDUCATIVO NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZADO A PARTIR DA ANÁLISE DA PEDAGOGIA FREIREANA

CURITIBA
2010

IVANETE PIRES DE OLIVEIRA NEVES

O USO DO RÁDIO PÁTIO COMO VEÍCULO EDUCATIVO NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZADO A PARTIR DA ANÁLISE DA PEDAGOGIA FREIREANA

Trabalho apresentado ao curso de Pós-
graduação Lato Sensu em Mídias
Integradas na Educação, da Universidade
Federal do Paraná, Setor de Educação
Profissional e Tecnológica como requisito
parcial para aprovação.

Orientadora: Flávia Lúcia Bazan
Bespalhok

CURITIBA
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – UFPR
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATU SENSU* EM MÍDIAS INTEGRADAS NA
EDUCAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

O USO DO RÁDIO PÁTIO COMO VEÍCULO EDUCATIVO NO PROCESSO DE
ENSINO APRENDIZADO A PARTIR DA ANÁLISE DA PEDAGOGIA FREIREANA

Por

Ivanete Pires de Oliveira Neves

RESUMO

A formação do educando na escola é corroborada, de diversas maneiras por diferentes métodos que auxiliam na educação. A rádio na escola aparece como mais um destes métodos que auxiliam neste processo. Na perspectiva freireana o processo educativo pode ser uma condição de formação de autonomia. Sendo assim, observando os diversos meios que a rádio pode ajudar no ensino aprendizagem, também se pode perceber que, se respeitado algumas incidências da pedagogia freireana, como a releitura e a dialogicidade, há possibilidade do processo de instalação da rádio pátio formar a autonomia no sujeito.

Palavras chaves: rádio- autonomia-aprendizagem

ABSTRACT

The formation of the student in school is supported in various ways, by methods aimed at increasing the assistance in education. The radio school appears as more of these methods that assist in this process. Freire's perspective on the educational process may be a condition of formation of autonomy. So looking at the various ways that radio can help in teaching and learning, one can also see that if some observed incidences of Freire's pedagogy, like reading and dialogue, there is possibility of the installation process to form the courtyard of the radio range in the subject.

Keywords: self-learning - radio

SUMÁRIO

RESUMO	3
ABSTRACT	4
1 INTRODUÇÃO	6
2 CONCEPÇÃO FREIREANA DE AUTONOMIA	8
2.1 A PEDAGOGIA FREIREANA	9
2.2 O DIALÓGICO COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO SUJEITO	10
2.3 A RE-LEITURA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZADO.....	12
2.4 A AUTONOMIA COMO FORMAÇÃO HUMANA EDUCATIVA.....	14
2.5 A COMUNICAÇÃO E SUAS VARIANTES NA EDUCAÇÃO	16
3 A RÁDIO PÁTIO	21
3.1 PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO.....	22
3.2 PROCESSO DE INSTALAÇÃO	23
3.3 PROCESSO DE EXECUÇÃO	24
3.4 OBSERVAÇÃO DE RESULTADOS	26
4 A RÁDIO PÁTIO – ANÁLISE DOS DIFERENTES PROCESSOS NA CONSTRUÇÃO DO SABER	27
5 A FORMAÇÃO DO SUJEITO AUTÔNOMO A PARTIR DA RÁDIO PÁTIO	32
5.1 A RÁDIO PÁTIO COMO PROCESSO EDUCATIVO.....	34
5.2 O SUJEITO AUTÔNOMO COMO PARADIGMA.....	39
5.3 O ENLACE DA RADIO PATIO COM O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO SUJEITO AUTONOMO.....	42
5.4 A RÁDIO PATIO COMO RE-LEITURA E PROCESSO DIALÓGICO NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO AUTÔNOMO	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFIA	51

1 INTRODUÇÃO

As novas tecnologias estão invadindo diversos campos da sociedade. Entre tantas, uma já muita antiga na existência, mas sempre atual, é o rádio. Os espaços hoje que o rádio traz suas benéficas, e que vem ocasionando um bom resultado é na educação.

Apesar de uma tecnologia bem conhecida e muito popularizada, o seu uso em meio à educação surge como certa novidade.

As rádios pátio¹, como são conhecidas, despertou o interesse em muitos educadores pelas potencialidades que se pode obter para o ensino aprendizagem. Ainda que o processo todo tenha suas características próprias, a rádio na escola pode trazer muitos benefícios não só para o ensino aprendido bem como diversas melhorias na formação do educando no ambiente escolar.

Foi permeando diversos escritos que trazem informações da potencialidade que o rádio tem dentro da educomunicação, que surgem algumas questões pertinentes ao processo da mesma. E é desta perspectiva que a presente pesquisa tomará como fundo de problematização tendo como pano de fundo a pedagogia freireana. Em suma, as buscas serão em torno de responder algumas questões levantadas a partir desta pedagogia, como: há possibilidade de uma rádio escolar colaborar no conhecimento do indivíduo a fim de que ele possa conseguir uma “re-leitura” da realidade e assim pode intervir na mesma? Que passos poderia haver para que a formação integral do educando possa corroborar na sua formação de autonomia? Quais são os passos e critérios que a rádio pode apoiar para que haja educação com formação de autonomia?

A presente pesquisa bibliográfica quer ser apenas um aceno na busca de compreender as questões expostas. Contudo abre frestas, que nos limites de uma pesquisa, possam ser consideradas eloquentes para poder trazer reflexões que colabore na discussão posta à tona.

Nas buscas de esclarecer às questões acima levantadas, a pesquisa buscará trazer apontamentos em cinco capítulos.

¹ O termo é utilizado em diversos trabalhos de pesquisa e acadêmicos para designar o uso da rádio na escola. O nome deriva do momento em que acontece a locução em diversas escolas, isto é na hora em que os educandos estão no pátio, no intervalo. Na presente pesquisa o texto de Zeneida Assumpção é mais antigo sobre a experiência e intitulando a experiência de rádio escola dando o nome de rádio pátio.

No primeiro capítulo será apresentada uma introdução à questão pertinente as concepções da pedagogia freireana e seus principais aspectos. No segundo buscar-se-á considerar os parâmetros freireano, mas abordando a questão da comunicação e como se dá as diferentes variantes pertinentes à educação. No ponto seguinte seguirá trazendo algumas observações sobre a rádio pátio e suas potencialidades no processo de formação e do ensino aprendizagem. Em seguida se aprofundará a análise da rádio pátio como processual na formação do saber, e para finalizar a pesquisa buscará entrelaçar as possibilidades que possa surgir ou até mesmo se constatar na formação do sujeito autônomo a partir do constitutivo de uma rádio pátio tendo como alicerce a pedagogia freireana.

A presente pesquisa ficou aquém de aprofundar este tema por limites de tempo e de bibliografia adequada para o tema. Mas abre caminhos para que se enverede em uma sistematização loquaz que possa corroborar para a compreensão do assunto, que está longe de ser esgotado.

Nas limitações desta pesquisa fica o desafio para que possa cada vez mais se aprofundar na busca de compreensão e formulação da rádio como uma ferramenta capaz de formar sujeitos na busca de sua autonomia a caminho de outro mundo possível.

2 CONCEPÇÃO FREIREANA DE AUTONOMIA

Se a formulação pedagógica de Paulo Freire pode ser entendida em inúmeras variantes, sem dúvidas a concepção de autonomia nesta pedagogia é uma das mais interessantes.

Freire concebe a autonomia como um processo de elevar a pessoa na sua formação de realidade e como agir dentro da mesma. É uma postura que pode ser criada a partir da formação de conceitos pelas pessoas. Neste âmbito se faz importante o papel do educador como aquele que insere na vida do educando o papel hermenêutico² de consolidar a sua autonomia através do ensino aprendido. Segundo Vieira (2007. Pág. 41):

Embora Paulo Freire tenha despontado publicamente como educador de adultos e inventor de um método capaz de alfabetizá-los pelo desencadeamento de um processo de compreensão da realidade, não levou muito tempo para que fosse reconhecido como um pedagogo cujas idéias e práticas desenvolvidas no campo da política educacional e da prática pedagógica o tornara 'educador do mundo', na vivência de diferentes práticas educativas no Chile, América Latina, Estados Unidos, África, Caribe e Genebra.

É nesta perspectiva que se adentrará nos aspectos de fundamentar a presente pesquisa na pedagogia freireana, tomando como tal uma proposta que possa cooperar no ensino aprendizagem.

Neste contexto determinaremos quatro pontos analisando a pedagogia freireana com aspecto geral da formação humana, em seguida perceber como o contexto dialógico influencia no sujeito. O terceiro ponto perceberá como a “re-leitura” da realidade contribui para este processo e por fim como se dá a autonomia na formação humana educativa. Faz-se necessário observar que sempre que for oportuno, incluiremos o conceito da rádio nestas análises para poder sustentar o que esta pesquisa propõe.

² Segundo o dicionário Houaiss define hermenêutica como: ciência, técnica que tem por objeto a interpretação de textos religiosos ou filosóficos; interpretação dos textos, do sentido das palavras. No texto quer deixar claro que o papel de interpretação das diversas realidades só pode ser efetuada pelo educando se tiver uma postura de vanguarda do educador.

2.1 A PEDAGOGIA FREIREANA

A pedagogia freireana também pode ser chamada de pedagogia da libertação. Seus traços são marcados por uma singularidade de Paulo Freire, mas está, sem dúvida, permeada pelas concepções marxistas. É certo que Freire propõe que outro mundo possível passa pela educação, e esta tem a responsabilidade de formar homens e mulheres comprometidos com sua realidade. O ato de ter a realidade como base para o desenvolvimento de sua pedagogia é que faz a singularidade na pedagogia freireana. Isso não se faz sem rupturas com paradigmas impostos e que estejam arcaicos, mas ainda presente na educação contemporânea.

A pedagogia freireana sempre vai estar posta como paradigma nas formulações de novas concepções educacionais. Ela sempre vai ser elemento de variantes a ponderar as discussões por muito tempo, pois ela se sobrepôs à realidade que estava presente, ela tirou o protagonismo do educador “bancário”³, e autoritário e forjou o educador em formação contínua sem deixar a sala de aula. O educando passou de espectador para protagonista na formação de sua autonomia. A pedagogia freireana desarticula o pensamento do detentor do saber para colocá-lo na relacionalidade com o educando, buscando formar opiniões a partir da práxis. Segundo Souza (2006. Pag. 2).

A pedagogia freireana é uma pedagogia radical, que propõe subverter a ordem social vigente em todos os seus níveis: pessoal, micro e macroestrutural. Não é uma didática, ou uma tática política. Ainda que um conjunto de técnicas ou pequenas ações, como: o jeito de dispor as carteiras numa sala de aula, o debate em círculos, o jeito de coordenar uma reunião, a distribuição coletiva de tarefas, o estudo em pequenos grupos, façam parte do exercício democrático, do combate ao autoritarismo e, portanto, da desconcentração de poder.

A pedagogia postulada não fica a critério da tecnicidade. Ela propõe envolver os seus atores na busca de humanizá-los no processo educacional. A relacionalidade desta postura formula-se nos aspectos imprescindíveis da natureza humana, pois isso se dá na dialogicidade. Freire (1987. Pág. 46) denota bem essa relacionalidade dizendo:

³O termo aqui se refere a compreensão freireana de ensino bancário, isto é, quando o aluno é expectador e receptor da aprendizagem que educador transfere, nada tem a contribuir para o seu processo deve ficar no assento (banco) sem interferir.

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos. Por isto inexistente esta confiança na antidualogicidade da concepção “bancária” da educação.

Poderia se dizer que a pedagogia freireana antes de tudo é a busca de aproximar as pessoas. Esta aproximação se dá através da educação, permeando a relação de seres humanos que buscam integrar uma nova sociedade pautada pelo respeito mútuo, e em condição de subliminar as relações existentes, buscando em último caso uma formação integral da pessoa, e neste âmbito perceber esta educação como processo de autonomia do sujeito.

2.2 O DIALÓGICO COMO PROCESSO DE FORMAÇÃO DO SUJEITO

O processo dialógico na educação fica a cargo da necessidade de o educador se colocar no papel de propiciar uma caminhada de reflexão pautada na preocupação do ensino aprendido, em especial, o educando. Vieira (2007. Pág. 52) comentando o tema afirma o seguinte:

Por essa forma de entender o diálogo, o objeto a ser conhecido não é propriedade exclusiva de um dos sujeitos que constroem o saber, mas é colocado na mesa entre os dois sujeitos do conhecimento para que realizem uma investigação mútua. O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e re-conhecer o objeto de estudo.

Se educadores se conscientizam da importância da dialogicidade na educação, poder-se-á, aos poucos, ajudar os educandos no processo de formação de conhecimento a partir da sua relacionalidade com seus pares. Todo projeto que é pertinente aos educandos e a própria escola, quando construído no espaço de liberdade e de diálogo, vem a ser uma ferramenta no processo de formação de caráter democrático que há de se estabelecer no ensino aprendido. Isto afirma Freire (1987. Pág. 45)

O diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

É nesta perspectiva que se precisa compreender a postura do educador como aquele responsável em difundir, mas também de colaborar para o processo de uma educação onde permeie essa dialogicidade. Isso não é só forma de educar, é antes de tudo, postura do educador. Este modo de compor a educação será eficaz na formação de caráter e dos diferentes posicionamentos que poderá ter o jovem educando.

A conquista da palavra pelo sujeito é a construção de sua liberdade. Não há diálogo sem palavra, sem práxis. A interação da palavra no ensino aprendizagem do educando, é fazê-lo perceber a mudança para um mundo justo, e essa não se faz no discurso de poderosos e nem de lamentos de dominados. A mudança só tem lugar na educação quando pautados pelo poder da palavra da relação eu-tu, significando a realidade do diálogo. Desta maneira pode-se considerar ato de criação do ser humano na pujança da construção dialógica.

Em última análise, a formulação do dialógico só é compreendida na formulação da história dos protagonistas de sua própria formação ou como diz Freire (1987. Pág. 45) “por isto o diálogo é uma exigência existencial”. A relação dialógica é uma postura para educadores que tem consciência da sua preparação na formação de pessoas responsáveis de seus atos e comprometidas com um processo de mudança na sociedade. É a permuta do dar e receber com a responsabilidade de serem formadoras de opinião, como atesta Freire (1987. Pág. 45) “Porque é encontro de homens que pronunciam o mundo, não deve ser doação do pronunciar de uns a outros.”

Pensar em formar é antes de tudo procurar agir em um processo amoroso e de fé na pessoa humana. No caso desta pesquisa é se inteirar da possibilidade de que o jovem é capaz e pode fazer o processo dialógico na construção do saber. Neste sentido há necessidade do educador propor esta postura. Jamais se formulará um clima de diálogo se o educador não der o primeiro passo.

A presença do educador em sala de aula é uma denotação do poder que lhe é cabido, a responsabilidade parte da compreensão que o mesmo tem de sua postura. É óbvio que o dominador, ou o que detém o poder, sempre terá mais

facilidade de controle de seus educandos, contudo ele pode fazer a escolha entre o mais difícil e o mais autêntico, ou mais fácil, porém será o que forja o ensino bancário cujos educandos são apenas receptários de um saber, sem lhes dar a chance de pensar e tirar suas próprias conclusões.

2.3 A RE-LEITURA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZADO

O ensino aprendizado recebeu inúmeras cooperações para que o processo pudesse passar a ser uma dinâmica frutífera. Também sabemos que o ato de saber ler para a criança traz uma carga de nominar as coisas e agora poder compreender essa leitura lhe traz um reconhecimento, isto é, ler também é reconhecer o mundo a sua volta.

Se tratando da pedagogia freireana o ato de ler não é apenas entender as palavras, mas sim uma possibilidade de reconhecer o mundo à volta, para poder modificá-lo. Para tal pedagogia abordada, ato na educação é a possibilidade do sujeito interferir no mundo. Freire afirma que o processo do ser humano ler o que apreendeu traz em si um processo de “re-leitura” dos significados a sua volta. Essa re-leitura é intervenção real na realidade.

A nossa formação está impregnada deste processo. Não nos damos conta de quanto significamos a realidade. Segundo Goto (2003) em primeiro lugar vem a idéia, depois quando fazemos experiência com a coisa aí então damos significados para a realidade. Ainda segundo o autor, o homem não cria a realidade, mas dá significado a ela, por isso é possível afirmar que a realidade existe porque o ser humano existe.

Nesta perspectiva podemos compreender o primeiro movimento da pedagogia freireana no ato de re-leitura, sendo a mesma do ato de re-ler o mundo a sua volta. É a possibilidade de re-criar a realidade segundo a compreensão que podemos obter um dia. É esta possibilidade que dá ferramentas para o sujeito interferir no mundo a sua volta. Podemos aqui dizer parafraseando ambos os autores citados, que a re-leitura do mundo é uma ressignificação da realidade que está a nossa volta, pois a capacidade de re-ler a realidade a sua volta o torna pessoa capaz de mudar também o seu destino.

Na educação este papel de ajudar o sujeito fazer essa implicação está diretamente voltado para a dialogicidade do ensino/aprendizagem. Essa postura criada pode se formular no resgate da autoestima do sujeito. Há de se levar em conta que Freire trabalha e formula suas teses na perspectiva da formação integral do ser humano. Sobre este aspecto Freire (1989. Pág. 11) diz o seguinte: "Na medida, porém, em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na 'leitura' que dele ia fazendo, os meus temores iam diminuindo." Ler, na pedagogia freireana, é um ato único que o sujeito tem de estruturar-se como pessoa, e ver a sua identidade construindo-se como pessoa que, compreende o mundo à volta, por isso é melhor dizer que o ser humano re-lê o mundo a sua volta. É neste paradigma que se propõe o intuito de criar relação entre educador e educando na possibilidade cada vez mais de fomentar e aumentar a dialogicidade em ambos é um aspecto relacional que se funda em tal ato. Creio que cumplicidade é o melhor termo para expressar essa postura relacional.

Quando este processo tende a ser uma prática, ainda que subversiva, nas nossas relações horizontais, é possível se dar conta das inúmeras amarras que vão se desfazendo. Não é só algo conceitual, à medida que vai se dando o processo, há uma formulação de significado do sujeito cognoscente. Assim sua significação pode dar sustento àquilo que formulou em si. É como demonstra Freire (1989. Pág. 11)

Continuando neste esforço de "re-ler" momentos fundamentais de experiências de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo através de sua prática, retomo o tempo em que, como aluno do chamado curso ginasial, me experimentei na percepção crítica dos textos que lia em classe, com a colaboração, até hoje recordada, do meu então professor de língua portuguesa.

Quando o sujeito sobrepõe às releituras que pode estar conectado em seu mundo, quando as resígnifica, ele está automaticamente reinventando o significado que havia para ele de tal mundo conhecido. Em outras palavras, é a significação que o sujeito se apodera e que re-cria na relação que dá nova estrutura para o seu pensamento. A pedagogia freireana está destinada a por educando e educador, em processo de aprendizagem, não um fornecendo conhecimento e outro recebendo, mas ambos fazendo uma experiência dialógica de descoberta, de mutuo aprendizado.

É da maior importância que compreendamos como se dá isso no sujeito que descobre o mundo como possibilidade de re-leitura, pois somente ele fazendo este processo é que haverá possibilidade para ele construir e pautar os diferentes processos que se põe a efetivar. Para a presente pesquisa, a compreensão de re-leitura no ensino aprendido se vê como a capacidade do sujeito internalizar uma proposta, e de poder significá-la como potencial de formulação de um tipo de mundo que possa enquadrar dentro da realidade que lhe é apresentado. Dessa maneira pode encarar as diferentes experiências e colocar a serviço do seu ensino aprendido, sendo assim o caminho de reler a situação e dela compreender é a possibilidade de significar o mundo.

2.4 A AUTONOMIA COMO FORMAÇÃO HUMANA EDUCATIVA

O resultado final da pedagogia freireana, se assim podemos expressar, é a formação da autonomia. Essa palavra classifica muito bem o conceito que esta pedagogia emprega. Por conseguinte, com a finalidade obtida se inicia um novo processo que é o de mudar a realidade.

A constituição de indivíduos que possam fazer parte do processo de construção da realidade tomando como princípio a sua formação, o qual ele é o próprio sujeito, é uma necessidade no paradigma freireano. Para Freire (2006 pág. 76 grifo do autor) a intervenção e compreensão do mundo à sua volta, em último caso “é o saber da História como possibilidade não como *determinação*.” Ter em mente esta possibilidade é o desventurar de uma qualidade de mútuo aprendizado na perspectiva de completar a realidade com o papel existencial, quer seja educando ou educador.

Se o contexto que envereda a educação não tiver um laço de esperança, e, por conseguinte a postulação de uma formação humana, a lugar nenhum pode chegar. O educador que não enxerga em seus educando para além de um punhado de pessoas em sala, o qual é obrigado a suportar, não pode ser educador, e muito menos compreender o mundo a sua volta. Freire (2005 Pág. 80) a isto se refere dizendo:

Como educador preciso de ir 'lendo' cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com quem trabalho faz do seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte. O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo 'leitura do mundo' que precede sempre a 'leitura da palavra'.

A educação antes de tudo é um ato de amor, de fé em indivíduos que buscam traçar o seu destino. Dedicção na formulação de serem sujeitos que possam, para além de recriar a realidade a sua volta, a de serem sujeitos conhecedores de suas opções, na integridade de tomar as decisões que só a eles pertencem.

Se a formação do sujeito não passa pela pretensão de fazer pessoas livres, ela não está destinada a colaborar com a formação humana. Ora, se a educação não pauta por este esmero, que possibilidade e finalidade teriam o que então participa deste processo como educando?

A formação humana é intrínseca à formação educacional. Na pedagogia freireana, o sujeito quando percebe a realidade a sua volta, tem a possibilidade de fazer a leitura, e assim modificar a realidade presente, este está sendo educado dentro de uma formação humana. Em último caso a formação humana olha para o ser humano de um modo integral. Quando a educação se põe no processo de promover a formação humana, ele só terá crédito se olhar de forma integral o sujeito.

Na concepção de formulação de pessoas que tem uma formação integral, a finalidade nada mais é que ter pessoas autônomas. O processo educativo busca criar no ambiente escolar, meios para que os educandos possam cada vez mais ser autônomos em toda a sua realidade, de forma integral. Isto forma sujeitos para o mundo. As diretrizes básicas para educação (2008. Pag. 14), nestes aspectos, dá a seguinte orientação:

Um sujeito é fruto de seu tempo histórico, das relações sociais em que está inserido, mas é, também, um ser singular, que atua no mundo a partir do modo como o compreende e como dele lhe é possível participar.

Ao definir qual formação se quer proporcionar a esses sujeitos, a escola contribui para determinar o tipo de participação que lhes caberá na sociedade.

Mais do que uma ideologia, isto parece estar bem condicionado nas políticas de governos atuais. A formação educacional não é algo estanque, ao contrário, ela

tem que estar embasada em paradigmas bem definidos e uma postura de formar cidadãos para a sociedade, que nos últimos tempos está bem exigente.

Para a educação, nos paradigmas freireano, a formação humana que possibilite a autonomia do sujeito só estará cumprindo sua obrigação com a sociedade atual.

2.5 A COMUNICAÇÃO E SUAS VARIANTES NA EDUCAÇÃO

O contexto que a pesquisa aqui apontará vai parecer complexo, mas se tratando da comunicação a partir da educação numa perspectiva freireana, é preciso compreender que um fator se entrelaça ao outro, e que o conjunto de ações e atuações é que possibilitam a compreensão de uma comunicação que seja dialógica, por isso o título acima, pretende-se buscar variantes na educação, contudo entre tantas que possam existir aqui apresentaremos algumas que dependem uma da outra para estabelecer a comunicação na educação.

A comunicação não é apenas uma direção na tarefa do sujeito empreender o que significou a experiência para si, é antes de tudo, uma formação que engloba o seu processo de compreensão do mundo. No contexto da educação, a comunicação não fica à mercê do que se quer comunicar, ela é uma extensão hermenêutica do sujeito que constrói a sua história usando variantes de possibilidades de fazer o outro compreender seu pensamento, a sua atitude, a sua ação nesta história em que ele é protagonista. Freire (1983. Pág. 44) insiste que: “o homem, como um ser de relações, desafiado pela natureza, a transforma com seu trabalho; e que o resultado desta transformação, que se separa do homem, constitui seu mundo. O mundo da cultura que se prolonga no mundo da história.” Sendo assim, é a possibilidade de se transmitir o que ele objetivou na experiência, e assim propor possíveis mudanças nas suas relações, que faz da comunicação uma ferramenta da educação. Como afirma Freire (1996, p. 73)

No processo da fala e da escuta a disciplina do silêncio a ser assumido com rigor e a seu tempo pelos sujeitos que falam e escutam é um sinequa da comunicação dialógica. O primeiro sinal de que o sujeito que fala sabe escutar é a demonstração de sua capacidade de controlar não só a necessidade de dizer a sua palavra, que é um direito, mas também o gosto pessoal, profundamente respeitável, de expressá-la. Quem tem o que dizer tem igualmente o direito e o dever de dizê-lo.

Se na educação, a formação de sujeitos livres e autônomos de sua própria história é pertinente ao processo de ensino aprendido, na educação levando em conta a pedagogia freireana, o processo formativo tem que considerar a ação comunicativa como processo de expansão do sujeito formador de opinião.

A comunicação que persuade é a proposição de que o conhecimento por dois sujeitos formula uma das variantes da educação, isto é, a de ser apreensão do sujeito cognoscente ao objeto cognoscível. Esta se dá por meio de sinais dialógicos que propõe a espalhar o conhecimento recebido a partir do resultado do conhecimento que o sujeito apreende. Em outras palavras a possibilidade de conhecimento se dá pela dialogicidade que perpassa na relação entre dois sujeitos. Nesta situação é perceptível que há uma necessidade da comunicação para estabelecer o conhecimento entre os sujeitos, sendo assim podemos identificar esta variante como a possibilidade hermenêutica da relação entre sujeitos que produzem o conhecimento. O conhecimento não é algo que está introspectivo no ser humano. Sem a relacionalidade, que por sua vez produz uma dialogicidade que é comunicação entre o sujeito é que se forma o conhecimento em ambos. É nesta perspectiva que Freire (1983. Pag. 44) afirma:

Daí que a função gnosiológica não possa ficar reduzida à simples relação do sujeito cognoscente com o objeto cognoscível. Sem a relação comunicativa entre sujeitos cognoscentes em torno do objeto cognoscível desapareceria o ato cognoscitivo.

A relação gnosiológica, por isto mesmo, não encontra seu termo no objeto conhecido. Pela intersubjetividade, se estabelece a comunicação entre os sujeitos a propósito do objeto.

Uma segunda variante da comunicação é a dialogicidade no aprendizado. Por si só, a afinidade de objetos que se relacionam para o conhecimento está dentro destes termos uma dialogicidade. Contudo é preciso destacar que a dialogicidade é uma via de duas mãos. Volta-se aqui o termo cumplicidade usado em outro momento nesta pesquisa. É preciso compreender que a intercomunicação entre

sujeitos que busca formar conhecimento deve ser uma realidade para que a comunicação seja bem sucedida. Freire (1983 p, 45) ainda afirma que

Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. Daí que, como conteúdo da comunicação, não possa ser *comunicado* de um sujeito a outro. Se o objeto do pensamento fosse um puro comunicado, não seria um significado significante mediador dos sujeitos.

A comunicação dialógica é um processo de compreender que só há realidade conhecida se houver uma comunicação que parte dos objetos cognoscentes. A apreensão não pode aqui ficar à margem daquilo que se pretende, pois se, por sua vez, a dialogicidade e a comunicação é uma variante na educação, ela precisa ser colocado no centro do acontecimento, isto é, ela deve estar interagindo com os outros meios peculiares ao processo de aprendizado.

Na compreensão freireana esta variante da comunicabilidade dialógica se dá no conhecimento que retém os sujeitos. Desta maneira a dialogicidade deve ser um parâmetro que possa identificar o conhecimento como proposta de formação do sujeito. Neste sentido Freire (1983. Pag. 44) afirma:

Não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado.
Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos.

Perceber que a comunicação é o resultado da dialogicidade entre sujeitos é outra variante considerável na educação. Dentro da pedagogia freireana há um intuito na concepção tanto do apreender em si, quanto da comunicação. Pode-se até pensar que possa ser algo que está dentro da normalidade da educação. Pode até vir a ser, mas, está para além disso, porque a comunicação cumpre um papel importante dentro da educação dialógica, pois nela está a pretensão de ser o resultado obtido pelo sujeito que apreende.

Por conseguinte a comunicação em si é o fator predominante em ambos envolvidos no ensino aprendizado compostos na educação. Se por um lado existe uma comunicação em si, há por sua vez outro fator que é o resultado da formulação do conteúdo apreendidos pelos sujeitos, isto é; o sujeito apreende pela comunicação

de outro sujeito, portanto quando esta apreensão é exteriorizada, há uma nova comunicação, estabelecendo assim a dialogicidade, mas agora com uma qualidade que está mudando as diversas concepções de ambos que efetua a dialogicidade. É importante perceber que Freire (1983. Pág. 46) deixa claro isso quando expõe que:

Se o sujeito “A” não pode ter no objeto o termo de seu pensamento, uma vez que este é a mediação entre ele e o sujeito “B”, em comunicação, não pode igualmente transformar o sujeito “B” em incidência depositária do conteúdo do objeto sobre o qual pensa. Se assim fosse – e quando assim é –, não haveria nem há comunicação. Simplesmente, um sujeito estaria (ou está) transformando o outro em *paciente* de seus comunicados.

Nesta compreensão a comunicação é o elo transformador que há nos sujeitos e por, sua vez carrega, nesta densa interlocução a intencionalidade de apreender através da dialogicidade.

É perceptível desta maneira que não basta só comunicação no processo educacional, é preciso também, rigor de uma comunicação. Por sua vez, isso pode persuadir o educando a ir se modelando para uma perspectiva de apreender e tornar este universo comunicativo, um elo de transformação da realidade ao qual está inserido. Contudo é preciso também que o educador esteja atento ao que possa ir contribuindo para sua hermenêutica na relação educacional. Vieira (2007. Pág. 41) apresenta esta situação dizendo: “Seu projeto educacional sempre contemplou essa prática, o que se evidencia ao construir uma teoria do conhecimento com base no respeito pelo educando, na conquista da autonomia e na dialogicidade enquanto princípios metodológicos.”

Todo este processo pode também ser verificado como o caminho de um processo que estabeleça nos educadores meios para melhor efetivar uma comunicação dialógica com os educandos. Não é uma tarefa fácil, mas pode ser bem elaborada se o educador tem em mente um processo educacional pautado pelo processo dialógico, re-leitura, e formação do sujeito autônomo. Se estes passos não estiverem claros, a comunicação será autoritária e bancária⁴, e muito menos poderá resultar em uma educação libertadora. Segundo Vieira (2007. Pág. 47)

⁴O termo aqui se refere a compreensão freireana de ensino bancário, isto é, quando o aluno é expectador e receptor da aprendizagem que educador transfere, nada tem a contribuir para o seu processo deve ficar no assento (banco) sem interferir.

A concepção bancária de educação não exige a consciência crítica do educador e do educando, assim como o conhecimento, pelo modo como é abordado, não desvela os "porquês" do que se pretende saber. Eis porque a educação bancária oprime, negando a dialogicidade nas relações entre os sujeitos e a realidade.

Isso exige dos educadores alguns passos que interpõem para que alcance um processo de formação de autonomia do sujeito que se complementam no dia a dia e na vocação de ser educador.

3 A RÁDIO PÁTIO

A rádio escola é um veículo de comunicação a partir da rádio difusão usado na escola. Depois de várias experiências, percebeu-se que estes projetos na escola poderiam servir de desenvolvimento de ensino aprendizagem dos educandos.

A rádio pátio está versando dentro do que é chamado educomunicação, ou novas tecnologias que pautam o ensino aprendizagem com a inovação tecnológica. Contudo a rádio já está sendo utilizada a muito por educadores que viram nesta tecnologia um meio para diversificar o ensino aprendizagem. Nota-se uma diferença entre rádio pátio e radio escola. Silva (2007. P. 10) assim distingue a diferença entre as modalidades de rádio:

“Rádio de Pátio é o termo usado para definir uma estrutura de difusão de som interna de um ambiente, no caso a escola, que possui uma programação similar a de uma rádio convencional. Rádio Escola é o termo usado para definir qualquer modelo de projeto que se utiliza de algum recurso da radiodifusão dentro da escola.”

Neste capítulo vamos destacar como pode ser organizada a rádio em uma escola, discorrerá sobre como poderá ser a organização, a instalação, a execução e por fim como podem ser avaliados os resultados. Vamos optar em toda a transcrição da pesquisa o termo rádio pátio, contudo algumas vezes vamos fazer uso da análise da radio escola no processo que essa pesquisa se propõe sem levar em conta a preocupação de distinguir os termos, visto que tanto uma como outra podem servir para análise proposta. Não empregaremos aqui ainda a análise de possibilidade de ensino aprendizagem. Tenta-se nos limites dessa pesquisa dar informação sobre o processo que antecede, desenvolve, e resultados que poderão ocorrer, partindo de análises bibliográficas.

Devido ao tempo não foi possível verificar isso através de uma pesquisa de campo. Apesar de existirem muito material bibliográfico neste campo, fica o desafio de verificar este processo analisando os passos metodológicos que suportam uma pesquisa de campo, e, verificar a possibilidade se propõe esta pesquisa pretende demonstrar.

3.1 PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO

Existem diversas formas de organizar, utilizar uma rádio escola. Elas podem ser e funcionar apenas nos intervalos do recreio e, ou pode ser semanalmente veiculada para a comunidade local como os educandos fazendo o uso nos contra turnos. Nestes casos a rádio pode ser utilizada como um crescente desenvolvimento do educando e da comunidade local, Segundo Reyzábal (1999, p. 217)

O rádio colabora para que as pessoas evoluam, pensem de outra maneira e, assim, vão se libertando de preconceitos ou estereótipos e saibam diferenciar não só o real do fantástico, mas também o racional do irracional ou entre condutor mecânico e conduta consciente, entre o necessário e desejado, ente o passado, o presente e o futuro.

Partindo do processo inicial para poder se ter uma rádio na escola é o desejo de que toda a comunidade escolar tenha orientação sobre o que é, como funciona, de maneira se consegue os objetivos pautados por uma rádio na escola. Todos os aspectos mencionados são para que se possa garantir a rádio como um espaço democrático, comunitário e participativo. Não há possibilidade de conceber uma rádio como se fosse um pequeno clube de pessoas classificadas fechada em si mesmo. Uma rádio escola tem que partir do principio democrático participativo de toda esfera da comunidade escolar.

Para consolidar este processo seja realmente democrático e construtivo pode ser organizar debates dentro da escola com os diversos grupos de segmentos desde os alunos nas diferentes etapas de formação passando pela equipe de apoio, professores, secretária, supervisão e direção. O processo de fazer este meio, é que futuramente a rádio possa atender a todos da comunidade escolar.

Quando o processo estiver formalizado pode-se ainda dentro da criatividade, fazer uma assembléia com a representação de todos os seguimentos para aprovar a efetivação da rádio escola. Depois de formalizada, ainda pode acontecer entre os alunos um concurso de nome e slogan que a futura rádio pode vir a ter. Dessa maneira é pertinente que todos contribuam para a efetivação da proposta.

Para a efetivação prática de montar uma rádio, existirá um processo de maturação, envolvimento e corresponsabilidade de efetivar o projeto que deixa de ser uma ideia para ser um processo participativo. O intuito preparativo e que tanto

uma rádio de pátio na escola tem um objetivo em comum, segundo Silva (2007. P.31):

“A modalidade de rádio de pátio concentra suas atividades para uma maior integração interna, possibilitando melhoria na comunicação entre alunos, professores, funcionários e direção. Essa modalidade oferece inúmeros rendimentos e pode se tornar o eixo integrador do universo escolar, para onde tudo se converge e se expande.”

Após esta fase então se estrutura todas as necessidades para pode se montar uma rádio. Há aquisição de material, organização dos alunos e programas com temas definidos.

A rádio pode ser um projeto de um professor ou do grêmio estudantil, ou um grupo de alunos que se organize para determinado fim.

3.2 PROCESSO DE INSTALAÇÃO

Para a implantação de um projeto de rádio na escola é necessário o levantamento de custo de equipamento e mão de obra para a instalação dos mesmos. Para se iniciar o projeto rádio na escola, primeiramente haverá a apresentação da proposta pelo professor responsável, ou pelo grêmio juntamente com a equipe pedagógica e a direção da escola.

Em seguida a comunidade escolar ajudará com sugestões e encaminhamento de atividades e opiniões que poderão ser realizados com este projeto.

Logo em seguida será definido o nome da rádio, bem como os objetivos, horário de funcionamento e os programas vinculados, bem como a frequência com que irão ao ar.

O passo seguinte será quanto à programação, quais tipos de pesquisas serão feitas quais os roteiros de entrevistas, os tipos de músicas e trilhas, vinhetas e notícias que terão prioridade.

Nesta etapa deve destinar as equipes que farão as gravações e edições do programa, as pautas utilizadas, bem como será elaborado programa, sempre supervisionadas pelas professoras e equipe pedagógica. Tudo sempre será relacionado com trabalhos e atividades escolares que envolva um conteúdo de uma disciplina.

O principal objetivo deste projeto é desenvolver a autonomia, a comunicação, convivência com as diferenças, de interação, de cooperação e respeito mútuo, e principalmente a seleção dos materiais a serem apresentados.

3.3 PROCESSO DE EXECUÇÃO

Para obter um bom resultado todo o trabalho da rádio pátio deve ser executado de maneira participativa, e com responsabilidade. Precisar de uma equipe executiva que possa estar organizando todo o contexto de funcionamento. Junto com esta equipe deve sempre estar um educador que possa auxiliá-los nos procedimentos.

A grade de transmissão deve contar com as diversidades de programas. Isto pode acontecer organizando pequenas equipes de construção de programa. Os que irão participar diretamente nas execuções dos programas, antes terão que passar por uma formação, oficinas de comunicação, palestras com âncoras de programas regionais e ajuda dos professores de língua portuguesa. Segundo de Lima (2006. Pag. 3)

As etapas deste projeto consistem criar condições para treinamento e formação de equipes de comunicadores no intuito de tornar possível o uso da linguagem radiofônica no processo de ensino escolar, colaborar como ferramenta de transmissão de conhecimentos interdisciplinares e transdisciplinares, permitir (aproximar) o acesso a informação cotidiana e de utilidade pública, construir modelo operacional para tornar o projeto núcleo de comunicação permitindo assim a realização de produções que possam atender as necessidades internas e da comunidade ao redor além de estimular a produção de materiais de apoio pedagógico.

A execução de uma rádio na escola está para além de uma simples motivação que possa ter os educando envolvidos. Ela pode ser uma dinâmica de formação na comunidade escolar e impor responsabilidade sobre os que estão envolvidos. . Segundo Baltar et al. (2008. p. 193) afirmando sobre o processo participativo e letramento midiático, apresenta a seguinte informação:

No que concerne ao letramento midiático radiofônico, proposto desde a escola, é possível prever uma sensível transformação nos indivíduos que participam da discussão, análise da mídia convencional e da elaboração de rádios escolares, que passam a ler essa mídia diferentemente, podendo influenciar decisivamente na construção de uma mídia do futuro.

Por isso podemos compreender que o processo de execução, em uma dinâmica participativa, pode colaborar para um momento de formação de organização participativa para o educando. Se as etapas forem concluídas de forma organizada e democrática, pode ser o início para ter-se educando que discutam e façam processos de forma participativa em outras instancias da sociedade.

Dentro ainda do processo de execução pode-se ainda criar uma equipe de finanças, caso a rádio seja de transmissão para a comunidade local. Essa equipe poderia estar buscando patrocínio, e de alguma forma gerando uma pequena sustentabilidade para a rádio.

Durante a execução é preciso reuniões periódicas, bem como coleta de informações e pesquisa para saber como está a recepção dos programas que foram apresentados. Para isso precisa ter programas variados para que possa contemplar a diversidade de gostos da comunidade escolar.

Todas estas etapas ou organização no processo de execução perfazem uma característica de formação do sujeito. Todo o processo pode ser feita de forma unilateral, mas na escola tem que se aproveitar de momentos como estes para poder ajudar os educandos a criarem processos democráticos. Estas fases devem proporcionar o diálogo e o debate, para que os educando entre nos processos naturais que formam opinião. Assumpção (2006, p. 3) reflete esta postura dizendo:

Um dos desafios da escola é procurar maneiras mais criativas de interação com as linguagens das mídias no contexto escolar, integrando a cultura tecnológica no espaço educativo, desenvolvendo nos alunos habilidades para utilizar os instrumentos dessa cultura. [...] Os meios de comunicação social constituem uma segunda escola, uma escola paralela à convencional. Com sua linguagem subliminar e encanto, atraem e prendem a atenção, produzem e reproduzem linguagem e cultura.

Por fim a execução seria um trabalho central para poder decolar com o imaginário, mas também obter respostas para a comunidade escolar determinar uma boa condução de sua pratica pedagógica, comunitária e de formação humana.

3.4 OBSERVAÇÃO DE RESULTADOS

O acompanhamento avaliativo será contínuo, durante todo o período da construção e execução do projeto. Também serão observados: a organização dos grupos e a participação durante todo o processo de planejamento e a apresentação dos resultados. Para que possa obter um mínimo de organização pode se ter um roteiro o qual a comunidade escolar possa estar respondendo de tempo em tempo.

A observação dos resultados ser feitos de forma a compreender qual o resultado prático que está obtendo a rádio. Será uma contínua busca de responder os objetivos, ou ainda de estar renovando os objetivos a que a rádio se propõe.

Esta observação precisa estar à disposição da direção e da supervisão, para que eles também tenham uma visão do que está se acontecendo, e que respaldo a comunidade escolar está dando para o desenvolvimento do projeto. Insisto em afirmar que o objetivo último da rádio não é a satisfação do educando, e sim a possibilidade de trazer a escola mais um meio em que os alunos possam estar direcionando suas capacidades de formação humana bem ser um auxílio no desempenho de ensino aprendizagem dos mesmos.

4 A RÁDIO PÁTIO – ANÁLISE DOS DIFERENTES PROCESSOS NA CONSTRUÇÃO DO SABER

Vivemos em uma época de grandes avanços tecnológicos e não acompanhar estes avanços significa ser excluído da sociedade. Cabe então, à escola não apenas o papel de transmitir conhecimentos sobre as disciplinas que tem, mas educar o aluno para transformá-lo em um sujeito ético e crítico investigativo, capaz de saber evoluir, classificar e reter informações que o transformarão em parte importante e imprescindível dessa mesma sociedade.

Uma empreitada de instalar uma rádio na escola pode corroborar com muitas nuances na formulação do saber. Há de se perceber que um processo de instalação e efetivação, com um pouco de ousadia, pode trazer muitos benefícios para a comunidade escolar. A escola precisa sair da imobilidade que apresenta em muitas situações. É preciso acrescentar algo que dê oportunidade ao educando de explorar seus potenciais, e para isso não só basta trazer para escola meios que absolutizam um jeito de ser da sociedade, mas sim meios que possam fazer com ele possa observar o meio e tirar suas próprias conclusões. A este respeito Baltar (2008. Pág. 194) destaca;

Em outras palavras, deve-se considerar o fato de que alguns professores levam para escola textos de jornais e revistas, ou mesmo filmes, já entronizados pela mídia convencional, que funcionam mais no sentido de acentuar o pensamento de senso comum por ela difundido do que no sentido de provocar reflexão crítica sobre os temas ali abordados. Agindo assim a escola deixa de abrir espaço para a discussão acerca de temas de possível interesse da comunidade escolar e, no lugar de funcionar como instância questionadora, até mesmo debatedora do discurso hegemônico dos veículos de comunicação de massa, atua ingenuamente como mantenedora do *status quo* vigente, chancelando um modelo social pouco democrático em que o ter vale mais do que o ser.

A rádio precisa ser um instrumento que corrobora com o crescimento integral do educando na sua formação permanente. A escola carece contribuir em todas as dimensões na formação do educando, e para isso deve contar com as dinâmicas possíveis e disponíveis.

Em um mundo globalizado onde se pauta o individualismo, criar consenso e dinâmicas comunitárias é um desafio, sem contar com os desafios que o próprio adolescente e jovem carrega em si. É interessante perceber que a adolescência e juventude trazem marcas milenares em si. Toda a história parece estar carregada de

dinâmica que vem absolutizando os aspectos que sempre coloca este recorte social à margem da sociedade, mas normalmente as mudanças no mundo contaram muito com sua colaboração. Os adultos não percebem que estão sempre frente à dinâmica de um grupo que é muito autêntico e sofre com as diversas recriminações e preconceitos que estes vivem. (Dick. 2003)

Neste fator, deve-se, antes de tudo, perceber a educação como um viés para a formação da autonomia do educando, do adolescente e do jovem, e que, neste intuito, é objeto o qual o educador se volta para a finalidade de formar sujeitos plenos na condução da educação. A formação dos educandos, tendo como colaboração uma rádio, tem por intenção a corroboração de sujeitos que percebam o seu mundo e possam modificar a sua realidade, e o desafio de formar sujeitos que não só vivam a realidade atual, mas percebam este mundo. Baltar et al. (2000, 328), nesta perspectiva, afirma que; “esse trabalho deve ser elaborado de modo que possa formar sujeitos críticos para compreender as esferas sociais em que atuam ou desejam atuar com autonomia.”

O processo de vinculação da rádio determina a possibilidade do educando perceber a realidade a sua volta. Nascimento (2009. Pag. 1220) analisou um processo de implantação de uma rádio em uma escola e afirma que; “Aprender as técnicas também é uma forma para começar a pensar criticamente o conteúdo consumido.” Vejamos bem, é preciso apostar antes de tudo no educando como principal motivador deste processo. Neste aspecto quanto mais democrático e quanto mais participativo for, melhor poderá ser o resultado. Por outro lado, quanto mais se dispôr para que o educando possa fazer a experiência de estar em contato com a realidade de realmente produzir um programa, melhor será a sua formação crítica.

O desafio está em fazer a conexão do aprendizado do educando e procurar perceber como um veículo de comunicação pode ser um processo de construção do sujeito autônomo. Partindo do princípio que a construção do sujeito se faz a partir da ação no mundo, vemos então a rádio como um processo de mobilização da ação do sujeito em sua autoconstrução. Como afirma Freire (1981, p. 35)

Daí que a ação humana, ingênua ou crítica, envolva finalidades, sem o que não seria práxis, ainda que fosse orientação no mundo. E não sendo práxis seria ação que ignoraria seu próprio processo e seus objetivos. A relação entre a consciência do projeto proposto e o processo no qual se busca sua concretização é a base da ação planejada dos seres humanos, que implica em métodos, objetivos e opções de valor.

Ter uma rádio no ambiente escolar, com elos integrantes da comunidade escolar e que seja realizada e continuamente, é um desafio construtivo que se pauta por uma relação dialógica em um processo educacional. Não há como se pensar uma atividade como essa de uma rádio sem ter de fundo um projeto de ensino aprendido que leve o educando a descobrir, inovar e conceituar a realidade a sua volta. Freire (1989. pag. 9) enuncia isto dizendo:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

É por isso que a partir da rádio escolar, espera-se que os alunos adquiram conhecimentos e habilidades indispensáveis para o desenvolvimento da criticidade e o discernimento nas informações recebidas, bem como a seleção de mensagens e informações divulgadas, a percepção auditiva, a concentração, o nível de linguagem utilizada, a socialização, disciplina e organização nos trabalhos realizados.

Não há possibilidade de construir o educando criticamente se não perceber os elos que possam corroborar neste processo. Todos os caminhos ligados à comunicação e educação partem do processo desafiador do educador estimular o processo no educando. Seja em qualquer projeto que busque uma formação integral, não há como fugir de uma disputa direta com uma sociedade pós-contemporânea que prega o líquido e que não processa uma afirmação do coletivo em prol do bem comum.

O desafio da sociedade hoje, e não se exclui a educação, é a motivação direta que os educandos recebem dos meios midiáticos, e com isso vá formando o seu caráter, de um mundo paradoxal que ao mesmo tempo é solidário, mas individualista. Que se comove com a fome e faz doações pelos apelos midiáticos, mas que gasta mais com os animais de estimação do que com os pobres a sua volta. É uma cultura midiática que extrapola o senso do humano, e que constrói uma nova dinâmica humanitária, o qual viabiliza o senso de preocupação com o social

tendo em vista o consumo do seu produto, ou em último caso com o lucro que irá ter com sua responsabilidade social. Seria mais um e meio de explorar a desgraça alheia. (LIPOVESTKY, 2004)

Quando a proposta de uma rádio na escola está em vigor é um âmbito de formar uma crítica aos tipos de mídias que são apresentadas no dia a dia, no qual consumimos sem perceber os parâmetros que ela usa para aumentar o seu índice nas disputas entre redes.

O que tira fora do foco tal midiatização, em tempos modernos, é a busca pela responsabilidade ecológica, ou responsabilidade com a cultura de paz. Contudo vemos inúmeras contradições neste foco, pois a responsabilidade social e ecológica coloca em jogo o consumo e a procura pelo lucro, pois dá margem para mais índice de consumo quando uma empresa midiática estampa estes slogans, ao mesmo tempo fazem programas e “merchandising” para uma cultura de paz, mas continuam apresentando programas violentos em horários inadequados, e enfatizam a violência nos telejornais. Lipovestsky (2004. Pág. 48) afirma que:

Numa sociedade cada vez mais dominada por valores de segurança e saúde, na qual triunfa a sensibilidade ecológica, sendo outra oferta diversa, submetida ao controle das associações de consumidores, a imagem do cinismo comercial e a negação do parâmetro ético tornaram-se não somente faltas morais, mas erros de comunicação que custam caro. Neste contexto, as empresas têm cada vez mais interesse em administrar a variável ética. [...]

A ética nos negócios não é uma prática desinteressada, mas um investimento estratégico e comunicacional a serviço da imagem de marca e do crescimento da empresa a médio longo prazo.

Não deveria ser possível questionar com educandos as posturas que tem as mídias no nosso dia a dia, e como isso influencia na educação? Paremos e analisemos este contexto com uma rádio na escola, ou ainda como foram pautados os diferentes programas que foram formulados. Poderíamos prever qual seria a reação de um educando dando-se conta do que está atrás de um comercial em que se propagou durante muito tempo “paz é você quem faz”⁵. Como poderia ser a análise deste contexto se fosse veiculado dentro da rádio em uma escola. Segundo Souza (2005. Pág. 36)

⁵ Durante muito tempo a rede globo de televisão vinculou essa mensagem no ar. Seguindo o pensamento de Gilles Lipovestsky (2004) este é um dos mecanismos da mídia para incutir nas pessoas um individualismo, pois a paz seria consequência de ações conjuntas, da sociedade civil organizada junto com o estado.

Torna-se necessário, sobretudo, que o rádio possa ser introduzido nas escolas, como recurso pedagógico, propiciando aos educandos a oportunidade de aprender a produzir e selecionar programas educativos de qualidade, exercendo um senso crítico sobre o que ouvem e recebem através das diversas mídias.

Percebe-se assim que uma rádio na escola está para além de colocar a escola em meios às tecnologias para poder colaborar no processo educacional em si, mas também é um aporte para poder trabalhar a postura que os educandos possam analisar a realidade a sua volta. Para isso precisamos levar em conta a influência que a mídia tem na vida dos mesmos, e aprender não subestimar este meio de controle em massa. Pode-se pensar que isso seja um projeto ambicioso, contudo para isso temos que partir da mentalidade de que Freire (2000. Pág. 94 grifo do autor) destaca:

Na linha destas reflexões vejo uma exigência fundamental, um ponto de partida sem o qual nada é possível e que se coloca não apenas à educação de adultos, mas a educação em geral. A quem as faz. Certo saber absolutamente indispensável inclusive a quem racionariamente pretende imobilizar a História. Refiro-me à constatação de que *mudar é difícil, mas é possível*.

É permeando por esta esfera de enfrentamento da realidade, e com a possibilidade de mudança que a rádio na escola pode ser um processo de aprendizado. Não é na esfera do dar e receber, mas na construção dialógica, e na postura de vanguarda envelhecida⁶ que se pode fazer o diferencial. Pautamos aqui a experiência do saber, não como promoção de conteúdo, mas como citamos acima, uma nova postura do educador em propiciar uma receptividade e mediar uma conformação e conteúdo na busca da formação de sujeitos comprometidos com a sociedade e na mudança da realidade.

⁶ Quero afirmar como vanguarda envelhecida, que apesar do rádio ser um meio de comunicação muito antigo, o seu uso na escola é uma atitude de vanguarda.

5 A FORMAÇÃO DO SUJEITO AUTÔNOMO A PARTIR DA RÁDIO PÁTIO

A rádio pátio segue uma tendência da sociedade atual de poder estar colocando a serviço da educação as tecnologias possíveis. Apesar de o rádio ser um meio de comunicação usado há muito tempo, o seu uso na construção do ensino aprendido veio de forma real através da experiência da rádio pátio. Segundo Assumpção (2001, p, 1)

Refletir sobre comunicação e educação é refletir sobre a sociedade globalizada. O contrário do que muitos pensam globalização não é um fenômeno recente. Suas sementes germinaram com a expansão do comércio no último período da Idade Média e início do período moderno. Anteriormente, quase todo comércio era local.

Essa experiência comunicativa pode ser usada com ênfase no processo de re-leitura da realidade pelos educandos. A participação ativa do educando junto a comunidade escolar pode gerar um potencial de construção do indivíduo. Se essa experiência de rádio pátio for aplicada com o enfoque da pedagogia freireana, pode-se aludir que essa construção deste sujeito se dá num processo lógico e coerente.

Por isso, antes de tudo, é preciso compreender que quando estamos tentando viabilizar a rádio pátio como mediação no processo de ensino aprendido, isso só pode ser feito a partir de uma intencionalidade.

Por isso é persuasivo defender que Paulo Freire, na construção histórica da sua pedagogia, que influenciou e influenciou muitos intelectuais, não pode ficar de fora de um processo de construção de saber que a rádio pátio pode vir a ser. Até porque a construção da educomunicação, o qual pode se integrar a rádio pátio, quando versada há algum tempo atrás tinha como fundamentação a formação crítica no processo de construção de autonomia do sujeito. A afirmação é de Ismar de Oliveira (2009. p.2), ele diz que:

Ela vem surgindo na América Latina por meio de grupo de pessoas que se reúnem para usar os recursos da informação na defesa de seus interesses a partir da perspectiva freiriana da comunicação dialógica. Então, a educomunicação é praticada, inicialmente, por professores do meio ambiente, por exemplo, que começam a usar tanto a rádio comunitária quanto o vídeo e outras formas de mobilização como teatro, música, vídeos, formação de grupos para a defesa do meio ambiente. A educomunicação deu um novo sentido para a prática comunicativa neste contexto.

A sua fundamentação é pertinente ao processo educativo e comunicativo. A ação voltada para o elo comunicativo na construção do saber era um dos eixos da pedagogia freireana. Neste âmbito, Freire (1985, p, 51) assim ele destaca:

O homem é um corpo consciente. Sua consciência, “intencionada” ao mundo, é sempre consciência *de* em permanente desapego até a realidade. Daí que seja próprio do homem estar em constantes relações com o mundo. Relações em que a subjetividade, jejue tomam corpo na objetividade, constitui, com esta, uma unidade dialética, onde se gera um conhecer solidário com o agir e vice-versa. Por isto mesmo é que as explicações unilateralmente subjetivistas e objetivista, que rompem esta dialetização, dicotomizando o indicotomizável, não são capazes de compreendê-lo. Ambas carecem de sentido teleológico.

Partindo do princípio que a radio é um processo de construção da comunidade escolar e do educando, entende-se que este processo só pode acontecer a partir de uma relação dialógica entre toda a comunidade escolar. Por isso, pretende-se aproximar a pedagogia freireana com o processo de rádio pátio na escola. Para isso faremos a apresentação em quatro pontos entrelaçados em si. Assim afirma Vieira (2007. p. 51) sobre a dialogicidade em Paulo Freire no universo escolar:

Toda invasão cultural pressupõe a conquista, a manipulação, o messianismo e outros instrumentos de domesticação de que se utilizam aqueles que invadem o universo alheio. Para que aconteça uma educação libertadora, o conhecimento tem que ser dialógico. E ser dialógico é não invadir, é não manipular, é compreender as relações homem-mundo, é empenhar-se na transformação constante da realidade.

Em primeiro plano apresentaremos a rádio pátio a partir de um processo educativo. Ainda que já tenhamos de certa forma informal apresentado isso, queremos fazê-lo de forma um pouco mais sistemática. Em seguida, pretendemos aprofundar mais o conceito de sujeito autônomo, para, na sequência, analisar como fica a junção destas duas perspectivas na formação educacional que isto pode vir a causar. Por fim, intentamos compreender a relação entre rádio pátio e a formação de autonomia na perspectiva dialógica da releitura na pedagogia freireana.

5.1 A RÁDIO PÁTIO COMO PROCESSO EDUCATIVO

A rádio escola é um veículo de comunicação usado na escola. Depois de várias experiências, percebeu-se que estes projetos na escola poderiam servir de desenvolvimento de ensino aprendido dos educandos.

Existem diversas formas de organizar, utilizar uma rádio escola. Elas podem ser e funcionar apenas nos intervalos do recreio e, ou pode ser semanalmente veiculada para a comunidade local com os educandos fazendo o uso no contra turnos. Nestes casos a rádio pode ser utilizada como um crescente desenvolvimento do educando e da comunidade local, Segundo Reyzábal (1999, p. 217)

O rádio colabora para que as pessoas evoluam, pensem de outra maneira e, assim, vão se libertando de preconceitos ou estereótipos e saibam diferenciar não só o real do fantástico, mas também o racional do irracional ou entre condutor mecânico e conduta consciente, entre o necessário e desejado, ente o passado, o presente e o futuro.

Partindo do processo inicial para poder se ter uma radio na escola é o desejo de que toda a comunidade escolar tenha orientação sobre o que é como funciona, de maneira se consegue os objetivos pautados por uma rádio na escola. Para que este processo seja um processo democrático construtivo pode ser organizar debates dentro da escola com os diversos grupos de segmentos desde os alunos nas diferentes etapas de formação passando pela equipe de apoio, professores, secretária, supervisão e direção.

Depois do processo formalizado pode-se ainda dentro da criatividade, fazer uma assembleia com a representação de todos os seguimentos para aprovar a ideia. Depois de formalizada, ainda pode acontecer entre os alunos um concurso de nome e slogan que a futura rádio pode vir a ter.

Para a efetivação prática de montar uma rádio, existirá um processo de maturação, envolvimento e corresponsabilidade de efetivar o projeto que deixa de ser uma ideia para ser um processo participativo.

Após esta fase então se estrutura toda a necessidades para pode se montar uma rádio. Há aquisição de material, organização dos alunos e programas com temas definidos.

A rádio é um pode ser um projeto de um professor ou do grêmio estudantil, ou um grupo de alunos que se organize para determinado fim.

Não como desconsiderar este meio no ensino aprendido. Os meios de comunicação estão sendo meios eficazes na educação. Os educadores não podem desprezar essa realidade de ensino aprendido na atualidade. Segundo Assumpção (2006 Pag.3)

O professor não pode subestimar as tecnologias da comunicação e da informação no contexto pedagógico. As mídias eletrônicas (rádio e televisão) e a multimídia (Internet) são mais dinâmicas, atraentes, sedutoras e rápidas do que a dinâmica escolar.

Desta forma somente pode haver uma rádio escola se houver um conjunto de interesse da comunidade escolar buscando desenvolver dos diversos meios de interação que a mesma pode possibilitar.

Na postura tradicional de educador, isto é que tem como base a educação “bancária” não é possível conceber uma proposta de aprendizado, e de formação através de uma rádio na escola. Para poder ter um processo de educação pautada com o objetivo de uma rádio pátio, o propósito deve ser um processo de interação e de dominação do educando no seu processo de aprendizagem. Em último caso o domínio das ferramentas necessárias para o funcionamento da rádio deve estar nas mãos dos educandos, e ele sendo protagonista deste espaço. São eles os atores principais de todo o desenvolvimento do projeto. Os educadores estão aí em primeiro plano como assessores, ou podemos dizer facilitadores no processo de construção. Dessa maneira seria criar uma relação subjetiva da educação apontando para um desenvolvimento de ensino aprendizagem. Neste aspecto podemos nos questionar se podemos criar, ou de como estamos formalizando a nossa educação no cotidiano. Segundo Birman (2001, p.11)

Portanto, se indagar sobre qual modalidade de subjetividade queremos produzir pela educação é uma variação da mesma questão sobre qual forma de cidadania pretendemos engendrar com o as práticas educativas. Isto porque a subjetividade em pauta se inscreve necessariamente numa **polis** nos registros **ético, estético e político**, além de evidentemente, **cognitivo**.

Neste aspecto o educador tem que ter uma postura aberta e relacional com o aluno, para que não seja um ditador, mas um condutor, ou ainda um assessor, não

excluindo o seu papel social de educador. Nada mais é o que Freire (1986 pag. 65) denominava do “*educador no processo dialógico.*”

Quando aprendemos os limites, o limite real, em nossas salas de aula ou em outras áreas da sociedade, também obtém algum conhecimento concreto sobre quanto, ou até quão pouco, pode ser alcançado agora. Assim, esse *feedback* concreto a nossas tentativas protege-nos das selvagens fantasias do medo que podem nos imobilizar, ou nos levar à ultra militância, se deixamos de reconhecer os limites, ou se sentimos que temos de negar nosso medo e atuar heroicamente. Se lermos bem nossa realidade, não imaginamos a repressão, não projetamos nossa punição futura por estar na oposição, mas, pelo contrário, testamos as circunstâncias atuais de nossa política e traçamos nossas intervenções dentro desses limites.

É preciso ter em mente toda a preparação anterior de efetivar a rádio pátio na escola. Todo e qualquer projeto precisa ser coordenado por alguém, contudo ele tem que saber articular isso com uma forma democrática de coordenar. No caso da rádio escola se for um projeto singular, de um educador, e for ele o protagonista deste processo tendo os educandos como meros coadjuvantes, não haverá possibilidade de uma construção dialógica e muito menos ajudará os educandos a ter uma atuação diretamente na realidade. Sendo assim a rádio será, em último caso, nada mais do que o cumprimento de um do projeto de um determinado educador.

Para a um processo fomentado na educação de re-criar o mundo através da leitura do educando, e com o intuito de fazê-lo compreender a realidade, a rádio pátio deve ter uma construção coletiva e participativa, interagindo com a comunidade escolar. Ainda que seja um projeto do educador, será necessário que ele tenha capacidade de fomentar nos educandos o desejo aventurar-se nos seus projetos pessoais, e interagir com eles para elaborar conjuntamente o processo de efetivação da rádio pátio. Isso só é possível se na relação dialógica de ensino aprendizagem persuadindo o educando a começar a re-aprender seus conceitos de meros receptores de conhecimento, para alguém que a interage na formação do seu próprio conhecimento. Observando essas questões Vieira (2007, p, 52) afirma:

Por essa forma de entender o diálogo, o objeto a ser conhecido não é propriedade exclusiva de um dos sujeitos que constroem o saber, mas é colocado na mesa entre os dois sujeitos do conhecimento para que realizem uma investigação mútua. O diálogo é a confirmação conjunta do professor e dos alunos no ato comum de conhecer e re-conhecer o objeto de estudo.

Neste aspecto o educador se coloca então no papel de ser protagonista de uma educação dialógica, isto é, aquele que se põe na vanguarda de ajudar o educando a descobrir seu papel protagonista na sua educação, e mais, para, além disto, na sua vida. Nesta perspectiva o educador deve se colocar na postura da relação dialógica como nos apresenta Freire (1986, p. 65):

No caso da educação, o conhecimento do objeto a ser conhecido não é de posse exclusiva do professor, que concede o conhecimento aos alunos num gesto benevolente. Em vez dessa afetuosa dádiva de informação aos estudantes, o objeto a ser conhecido medeia os dois sujeitos cognitivos. Em outras palavras, o objeto a ser conhecido é colocado na mesa entre os dois sujeitos do conhecimento. Eles se encontram em torno dele e através dele para fazer uma investigação conjunta.

Este processo construtivo do educador perfaz no educando um caminho de adquirir autonomia. Sem essa pretensão do educador em um projeto como a rádio pátio, de caminhar com educandos no processo de construção de autonomia, em vão será o processo de ensino aprendizagem. E, ele seria nada mais do cumprir obrigações. Voltaríamos aí ao velho método de que quem sabe ensina e quem não sabe procure aprender. Dessa maneira estaria distante de uma construção dialógica do saber. A relação entre educador e educando não só em um projeto como a rádio pátio, mas em qualquer projeto pedagógico, se não tiver como plano de fundo a “reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia” Freire (1996, p. 58) não cumpre a função social do seu papel libertador na educação.

Por isto é importante conceber que na efetivação da rádio pátio a postura do educador tem que ser a da relação dialógica e democrática, para poder contribuir com o educando a re-criar a leitura do mundo. Tudo isso por meio de uma nova ferramenta posta a serviço da educação, isto é ter como objetivo a busca da construção da autonomia do ser humano. Esta postura é pactuada com uma relação ética do educador que possibilita no educando sua autoformação. São significativas as palavras de Freire (1996, p, 18) neste aspecto:

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. Divinizar ou diabolizar a tecnologia ou a ciência é uma forma altamente negativa e perigosa de pensar errado. De testemunhar os alunos, às vezes com ares de quem possui a verdade, um rotundo desacerto. Pensar certo, pelo contrário, demanda profundidade e não superficialidade na compreensão e na interpretação dos fatos. Supõe a disponibilidade à revisão dos achados, reconhece não apenas a possibilidade de mudar de opção, de apreciação, mas o direito de fazê-lo.

Neste aspecto o educador é muito mais que um simples coordenador, ele é no fundo a possibilidade do educando de ampliar a sua visão de mundo, e ponderador na disponibilidade que o educando apresenta. Um ajudante no processo de formação de sujeito autônomo que vê e interfere na realidade vivida. Freire (1996, p, 67) desafia a formação dos educandos dizendo:

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento todo dia, ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade.

Dessa autonomia tende-se a nascerem novas formas de envolvimento sociais no ambiente escolar ou na comunidade em geral. Esse sujeito autônomo tem a possibilidade de ultrapassar o convencional, e buscar uma postura de confrontos de ideais, que o levam a postular novos enfoques de possibilidade de discussão na esfera escolar, e com isso busca elencar motivos reais da situação social do indivíduo. Partindo deste princípio a rádio se torna mediação entre educando e educador e ao mesmo tempo se envolve com a comunidade escolar, e faz-se um processo constitutivo de conhecimento com outros da esfera escolar. Assumpção (200-, p, 1) afirma que:

A comunicação, como processo de interação humana, é o fundamento do processo educativo. A relação educador-educando ocorre em mão-dupla: um fala, o outro responde, e o diálogo acontece de forma natural. Neste aspecto, a comunicação torna-se mediadora das tecnologias.

Sendo que as ondas do rádio são livres para ecoar, não há como deixar de captar o que transmite, a probabilidade de um programa bem estruturado pode levar a outros a questionarem sua postura diante de suas realidades, deve ser um objetivo da rádio pátio. Sendo assim na escola os educandos por meio da rádio podem propor os temas abordados em outras disciplinas. Segundo Filho (200- p.2)

Acreditar na possibilidade de alternativas midiáticas, principalmente às classes subalternas, dando vez e voz a elas, é refletir na importância da esperança como veio de mudança contra a opressão promovida pela mídia, nos seus mais variados aspectos. A esperança é o alento da transformação.

Em suma a rádio pátio pode ser uma das ferramentas para uma escola poder construir seu universo educacional em correlação do ensino aprendizagem. Se ela for bem equacionada e organizada na vida escolar poderá produzir educadores comprometidos com o ensino democrático que por vez sua poderão ter educandos construindo sua autonomia através da relação dialógica com educador procurando fazer uma re-leitura da sua realidade.

5.2 O SUJEITO AUTÔNOMO COMO PARADIGMA

Uma das fundamentações na pedagogia freiriana é a constituição do sujeito autônomo. Para a pedagogia freiriana, a educação é vinculada diretamente a esta postura, caso contrário não pode ser entendida como educação. Freire faz isso por identificar a educação bancária como fator que não coopera para um processo de formação do sujeito. Por conseguinte ele identifica a educação libertadora sendo diferente, e essa como formadora de consciência e de autonomia.

E nesta perspectiva que se funda o paradigma. A educação tem uma finalidade segundo a perspectiva freiriana, há de formar pessoas conscientes de sua realidade e assim poder inferir na sua situação, tendo como base a re-leitura da mesma. Podemos identificar que o ato de re-leitura é o primeiro processo na formação desta autonomia do sujeito. Freire propõe que antes da leitura escrita o ser humano perpassa pela leitura do mundo ao seu redor. Mas quando ele tem a possibilidade de fazer uma re-leitura deste mundo, tendo como fundamento a busca

de compreensão da sua formação, ele começa a dar significado a essa realidade, e nessa re-leitura identificar os pontos principais para articular o saber. É desta maneira que se dá a manifestação do humano racional enquanto ser, enquanto pessoa, presente no mundo e com capacidade para transformá-lo. Só homem tem essa capacidade e às vezes o faz sem perceber. É a percepção que deve ser aflorado no ser humano quando ele faz o processo de re-leitura. É quase que poético as palavras que Freire (1989. p. 130) usa para poder expressar esse situação paradigmática:

Refiro-me a que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implicam a continuidade da leitura daquele. Na proposta a que me referi acima, este movimento do mundo à palavra e da palavra ao mundo está sempre presente. Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescreve-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente.

A formação do sujeito está impregnada dos conhecimentos de si mesmo. O educador que tem como proposta esta formação de autonomia deve ajudar o educando a perceber em si as potencialidades que estão neles próprios. Perceber estas potencialidades e fazer o educandos re-ler, e porventura num processo dialógico re-escrever essa situação. Freire (1989 p. 14) é surpreendente quando explica este processo:

É neste sentido que a leitura crítica da realidade, dando-se num processo de alfabetização ou não e associada, sobretudo a certas práticas claramente políticas de mobilização e de organização, pode constituir-se num instrumento para o que Gramsci chamaria de ação contra-hegemônica. Concluindo estas reflexões em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e "re-escrita" do lido, gostaria de dizer que, depois de hesitar um pouco, resolvi adotar o procedimento que usei no tratamento do tema, em consonância com a minha forma de ser e com o que posso fazer.

Não se educa sem que o educando possa fazer a reflexão do que é em si. Se no processo educacional, seja qual for a disciplina, não ajudar o educando a ser cada vez mais ele mesmo não o propiciará a ele uma formação integral, que tem sua

base a busca de autonomia do sujeito, e o processo estão na possibilidade de perceber o mundo e fazer a leitura ao seu redor. Freire (1997, P. 20) insiste dizendo:

Uma das formas de realizarmos este exercício consiste na prática a que me venho referindo como “leitura da leitura anterior do mundo”, entendendo-se aqui como “leitura do mundo” a “leitura” que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade. A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete, agora, à leitura anterior do mundo. O que me parece fundamental deixar claro é que a leitura do mundo que é feita a partir da experiência sensorial não basta. Mas, por outro lado, não pode ser desprezado como *inferior* pela leitura feita a partir do mundo abstrato dos conceitos que vai da generalização ao tangível.

Outro aspecto na formação da autonomia, e que já mencionamos acima, é a dialogicidade. Este se faz de suma importância no processo, contudo percebe-se que é o mais difícil e complicado. A dialogicidade não é algo pragmático, ao contrário, ela perfaz um caminho muito inóspito às vezes, pois é como aventurar-se na descoberta de um mundo escondido ante o educando. Por conseguinte é a possibilidade de identificarmos realmente que é a pessoa que se apresenta a nossa frente. A postura educacional do educador que toma este modelo como parâmetro perfaz a complexidade de buscar ter educando preparados para poder compreender o mundo à volta. Freire (1996, p. 04) assim apresenta este pensamento:

É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando. Pressupõe romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnoseológica.

Por sua vez a dialogicidade é em si a procura de abertura do próprio ser. Se na literalidade semântica pode se colocar o que quiser, pois o papel aceita tudo, na dialogicidade não há possibilidade de ser aceito tudo o que se diz. Na maioria das vezes o diálogo perfaz o caminho do contra ponto, da discordância, da controvérsia, da não aceitação, por conseguinte este processo traz a construção da dialética que somente tem sua eficácia na busca da síntese, que nem sempre é o final, mas um meio para ter abertura para um novo processo de embate.

O sujeito se torna autônomo quando na sua capacidade de fazer a re-leitura do mundo a sua volta, apresenta esse processo no elo dialógico. Na educação o

educador deve fazer essa mediação para que nela se configure o processo de aprendizagem e por consequência de tomada de consciência do sujeito em ser autônomo. Freire (1996, p. 21) deixa claro isso quando diz:

A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. O pensar certo por isso é dialógico e não polêmico.

Apesar de ser apresentado como etapas, o processo se dá a todo o momento, no concerne ao elo educacional que perpassa essa situação tem papel fundamental o educador. É dele que parte a condição para que se possa se instaurar na prática o processo de formação de autonomia do sujeito. Não se dizer que ele seja o principal, mas é dele que pode partir todo o contexto que ajudará o educando a poder despertar a consciência em si do fundamental que é ter autonomia, ou melhor, dizendo desfrutar dos ensejos dessa prática.

5.3 O ENLACE DA RADIO PATIO COM O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO SUJEITO AUTONOMO

Na compreensão Freire (1996), o educando, no seu processo dialógico, só apreende o saber, quando consegue fazer uma leitura o mundo ao seu redor. Freire denomina isto como um ato criador. Por isso, a investigação, a pesquisa e a elaboração da leitura que o educando tem da visão de mundo, tende a ser um passo para a relação dialógica do ensino aprendido através da rádio pátio.

Na implantação da rádio pátio, no processo que pode ser elaborado com a coordenação pedagógica junto com educadores e educandos, ao passo que cada turma possa ser contemplada para a produção e efetivação dos programas, o educadores podem deste contexto efetivar o processo de ensino aprendido a partir da construção dialógica do saber.

A partir da rádio escola, espera-se que os alunos adquiram conhecimentos e habilidades indispensáveis para o desenvolvimento da criticidade e o discernimento nas informações recebidas, bem como a seleção de mensagens/informações

divulgadas, a percepção auditiva, a concentração, o nível de linguagem utilizada, a socialização, disciplina e organização nos trabalhos realizados. Segundo de Souza (2006. p. 36):

Torna-se necessário que a educação informal ou sistematizada, desenvolvida por meio dessas novas tecnologias, possa ser apoiada numa pedagogia adequada e consciente das mudanças da Sociedade da Informação, cada vez mais exigente e ansiosa pelo conhecimento. [...] Torna-se necessário, sobretudo, que o rádio possa ser introduzido nas escolas, como recurso pedagógico, propiciando aos educandos a oportunidade de aprender a produzir e selecionar programas educativos de qualidade, exercendo um senso crítico sobre o que ouvem e recebem através das diversas mídias.

É por este meio que se pode aludir a compreensão de que a rádio tem a potencialidade de formar o saber. Levar esta condição para o paradigma freireano é dizer que formar o saber através de uma rádio na escola, em ultimo caso potencializar as diversas qualidades que possam estar impregnados nos educandos. Para que o possa acontecer essa realidade na educação há de antes colocar estes educando dentro do processo de formar-se na perspectiva de que se aperfeiçoem essa potencialidade nata em cada um. É neste aspecto que se pode fundamentar a pratica da educação com a possibilidade da comunicação versada em Paulo Freire. Segundo da Silva (2007. p. 23)

A concepção de Paulo Freire sobre educação amplia as possibilidades de se unir esses dois campos por meio de uma ação dialógica, que também se aplica à comunicação, que passa a ser considerada por natureza educativa. Ao falar da teoria freiriana é possível considerar a comunicação como uma co-participação dos sujeitos no ato de pensar, o que implica uma reciprocidade que não pode ser rompida, pois se entende como diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.

Na prática o processo pode se iniciar com o tema a ser apresentado pela turma em uma sala de aula. Ainda que sejam poucos a efetivar o programa, o tema escolhido pode ser abordado em sala de aula numa construção conjunta e participativa. A partir do tema proposto o educador pode explorar o mesmo enfatizando a pesquisa e o debate em sala de aula. Segundo Moran (2000) falando sobre aprendizado e tecnologia diz que “O papel do professor se amplia significativamente. Do informador, que dita conteúdo, se transforma em orientador de aprendizagem, em gerenciador de pesquisa e comunicação, dentro e fora da sala de aula, (...)” Podemos aqui calcar o nosso chão na perspectiva que Freire (1996)

apresenta sobre a diferença entre a educação bancária e a libertadora e como se dá o papel do educador neste pleito.

Percebemos assim que esta metodologia pode ser um caminho para aprofundar o contexto de ensino aprendizagem em sala de aula, em uma nova perspectiva de ação do educador.

Este exemplo metodológico terá como resultado o programa da rádio pátio e por sua vez o programa a ser efetivado será bem fundamentado. Na perspectiva freireana aí também está acontecendo um processo democrático de saber e de autonomia. Quando educador consegue tomar posse dessa metodologia que parte de um programa da rádio pátio, e, por sua vez transforma em objeto de pesquisa com os educando ele processa uma construção dialógica do saber. Desta maneira o educando na postura de dialogicidade com o educador fará uma releitura do que pode ter sido preparado do objeto cognoscível, e o processo de obtenção do conhecimento, o ajudará a ter segurança para poder desenvolver o programa de maneira crítica e fundamentada. Ao efetivar o programa está estabelecida a sua autonomia de ser humano. Freire (1996. p. 41) explicita essa dinamicidade dizendo:

Por isso, somos os únicos em que *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

Creio poder afirmar, na altura destas considerações, que toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina daí o seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implicam, em função de seu *caráter diretivo*, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua *politicidade*, qualidade que tem a prática educativa de ser *política*, de não poder ser neutra.

Ademais de a rádio pátio ser apenas uma das muitas ferramentas existentes no processo como dinâmica do ensino aprendido, se vê nela um diferencial, a de que o processo que se iniciou em um simples tema de programa para a rádio pátio, ao final do processo dialógico de re-leitura da realidade que foi ponto de pesquisa, debate e serviu para o processo de formação de seres humanos autônomos, agora serão socializadas com toda a comunidade escolar.

Neste enlace está uma nova potencialidade da dialogicidade, pois está aferida a comunicação. Esta se dá de uma nova maneira. É um tema que elaborado e discutido em sala, por uma turma, com um educador, posterior está estará sendo espriada para toda a comunidade escolar, que pode estar gerando outra problemática em outra sala, com outro professor, com novos sujeitos.

Por isso é essencial evidenciar a postura do educador, pois ele como legítimo coordenador em sala de aula, deve ser também o motivador para que o educando possa estabelecer uma ligação de aproveitamento da sua realidade com o saber que está sendo adquirido, e nesta situação postular ainda um fator a mais; de propagar o saber através de um meio de comunicação.

Neste processo há de se entender a rádio como um polo para que possa despontar nos educandos um processo formativo, onde as coisas mais simples as mais complexas possam estar em sala de aula, mas posterior ser comunicada na rádio.

5.4 A RÁDIO PATIO COMO RE-LEITURA E PROCESSO DIALÓGICO NA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO AUTÔNOMO

É considerável o fator que no processo de educação na perspectiva da pedagogia freiriana a autonomia esta no topo de um processo de formação do sujeito. Neste contexto os educadores marcam seu papel na construção dialógica do saber, quando se põe na postura de criar esta autonomia. Não é um simples ato de educar, é para, além disso, e se colocar na postura de quem tem algo a oferecer, mas está pronto para receber. Nada mais que uma postura dialógica e dialética no processo de fomentar a educação. Para um educador nesta postura, não basta só o conteúdo intelectual, neste percurso é preciso criatividade, desenvoltura, técnica, exploração e uma pitada de ousadia. Segundo Freire (1996, pag. 68) esta postura é respeito para com a natureza da educação:

Outro saber fundamental à experiência educativa é o que se diz respeito à sua natureza. Como professor preciso me mover com clareza na minha prática. Preciso conhecer as diferentes dimensões que caracterizam a essência da prática, o que me pode tornar mais seguro no meu próprio desempenho.

Foi destas e tantas outras inúmeras características que fez com que a proposta rádio pátio inovasse os meios de educação e comunicação no processo de ensino aprendizagem. Essa inovação produz uma nova abordagem a ser criada na construção do ensino aprendizagem, por este meio compreende-se a relação entre indivíduos que produz a sociedade, e esta interação resulta a cultura.

No papel pertinente à escola de cumprir uma função social, e não só o papel de transmitir conhecimentos sobre as disciplinas, ela tem o compromisso moral de educar o aluno para transformá-lo em um sujeito autônomo. Essa construção fundamentada através da pedagogia de Paulo Freire, busca na re-leitura da realidade, um compromisso ético e crítico investigativo e possuir capacidade de saber evoluir, classificar e reter informações que o transformarão em parte importante e imprescindível dessa mesma sociedade.

No conceito de educação pode se dependurar muitas variantes. Nas tantas variantes, certamente uma das propostas que se melhor adequa para nossa realidade educacional é a que no seu processo gera autonomia. Neste contexto os educadores marcam seu papel na construção dialógica do saber, quando se põe na postura de criar a mesma. Por sua vez não só conteúdo intelectual basta, e foram destas e tantas outras inúmeras características que surgem uma proposta que inovou os meios de educação e comunicação no processo de ensino aprendizagem através da rádio pátio. Essa inovação produz uma nova abordagem a ser criada na construção do ensino aprendizagem, por este meio compreende-se a relação entre indivíduos que produz a sociedade. E relação entre indivíduos em meio à comunidade escolar que gera a relação dialógica, e se compreendermos que a rádio pode criar esta interação podemos concordar então que esta relação acaba por gerar em ambos a cultura, no concernente a ampliação da visão de mundo.

Segundo Morin (2003, p.55) "(...) todo desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana." Pois bem, a rádio pátio constitui um universo de construção do imaginário humano, que o ajuda a desenvolver no conhecimento a partir das informações que lhes são informadas radiofonicamente. Se desta função tiramos o aprendizado, o desafio das chamadas rádio pátio é a construção do ensino aprendizagem em uma nova dinâmica, da re-criação da leitura a partir do mundo retratado pela mesma. Seria

como um novo processo de re-criar meios para a leitura em um novo universo da escola.

Os avanços tecnológicos estão presentes em todo lugar e principalmente na vida do jovem. Entre tantas situações, segundo Novaes & Vital (2006. P.112), o jovem vive três medos que existem hoje na sociedade pós-moderna, uma deles é o medo de ficar desconectado⁷, isto é fruto de um processo tecnológico o qual se alguém não acompanhar estes avanços significa ser excluído da sociedade.

Se o ato de ler a realidade e criá-la com as informações que recebemos é um ato de aprendizagem, como atesta Freire (1989), a partir dessa concepção pedagógica e por que não dizer “filosófica” deste autor, entende-se que, este universo comunicativo pode ser encarado como uma proposta do estudante elaborar e expressar sua forma de pensamento, como re-criação da leitura do mundo de forma diferencial. Este processo pode ser considerado um meio de entrelaçar os diversos conhecimentos obtidos por eles, colocando a serviço de sua aprendizagem, e ao mesmo tempo partilhar este conhecimento e experiência com os outros de sua escola. Segundo Marcelo (200-, p.6)

Com tantos benefícios e popularidade, o rádio ganha força em pequenos espaços comunitários, entre eles a escola. Nesse ambiente repleto de opiniões diferenciadas e expectativas, este meio de comunicação serve como ferramenta no processo de aprendizagem. Ele abre a possibilidade para que os alunos troquem opiniões e sintam-se suficientemente capazes de atuar no espaço escolar como agentes transformadores.

O ensino aprendizagem, as condições que o educando adquire para produzir, o contínuo desejo que cada ser humano tem em si de aprender, faz o educando re-criar o mundo a sua volta, isso é gerado em forma de conteúdo após um espaço dialógico entre educando e educador, e proliferado pela rádio para toda a comunidade escolar. Neste aspecto a rádio tende-se a manifestar no seio da escola novas formas de envolvimento e comprometimento social.

Não há como desconsiderar este meio no ensino aprendido. Os meios de comunicação estão sendo meios eficazes na educação. Os educadores não podem desprezar essa realidade de ensino aprendido na atualidade. Segundo Assumpção (2006 Pag.3)

⁷Segundo NOVAES & Vital os outros dois medos da juventude no cotidiano são o medo de morrer devido a violência, e o medo de sobrar por causa do desemprego.

O professor não pode subestimar as tecnologias da comunicação e da informação no contexto pedagógico. As mídias eletrônicas (rádio e televisão) e a multimídia (Internet) são mais dinâmicas, atraentes, sedutoras e rápidas do que a dinâmica escolar.

Desta forma somente pode haver uma radio escola se houver um conjunto de interesse da comunidade escolar buscando desenvolver dos diversos meios de interação que a mesma pode possibilitar.

Vivemos em uma época de grandes avanços tecnológicos e não acompanhar estes avanços significa ser excluído da sociedade. É neste intuito que a escola deve corroborar no papel de transmitir conhecimentos sobre as disciplinas, mas também educar o aluno para transformá-lo em um sujeito ético e crítico investigativo, capaz de saber evoluir, classificar e reter informações que o transformarão em parte importante e imprescindível dessa mesma sociedade.

O papel pertinente à escola de cumprir uma função social, e não só o papel de transmitir conhecimentos sobre as disciplinas, ela tem o compromisso moral de educar o aluno para transformá-lo em um sujeito autônomo. Essa construção fundamentada através da pedagogia de Paulo Freire, busca na re-leitura da realidade um compromisso ético e crítico investigativo e possuir capacidade de saber evoluir, classificar e reter informações que o transformarão em parte importante e imprescindível dessa mesma sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As tecnologias que adentram em tantos espaços, surgem como mais uma ferramenta para auxiliar a educação no processo de ensino aprendizagem. Nesta perspectiva, a rádio pátio colabora, e muito, para o processo. Durante a pesquisa pudemos perceber que, com eloquência, alguns pesquisadores apontam a rádio como uma potencialidade para que a comunicação e educação possam traçar juntas alguns meios para corroborar na formação do conhecimento do educando.

A rádio, em tantos aspectos, surge em um novo modelo de educação que não se limita ao quadro e giz, não que este meio esteja ultrapassado, mas entra na dinâmica social e cultural dos jovens e adolescentes que esperam mais do que uma simples sala de aula, com conteúdos expositivos. Estes são necessários, mas em uma sociedade que tem sua pujança os meios tecnológicos hodiernos na vida desses educandos, a escola e o educador não podem se colocar fora deste processo.

E dentro dessa nova dinâmica que se pretende aludir que quando um processo de rádio esta dentro do planejamento escolar, e estes estão bem elaborados, o ensino aprendizagem faz rota para que o educando possa trilhar um caminho que o leve a se descobrir como pessoa autônoma, capaz de ver a realidade e procurar intervir nela. Mas para isso é preciso antes se descobrir como produtor de capacidade de fazer a re-leitura do mundo a sua volta na perspectiva de formação do conhecimento em e para si.

Toda essa compreensão é a formulação apresentada na pedagogia freireana. O processo laboral de formação de sujeitos autônomos defendido por tal pedagogia pode ser percebida na formulação e instalação de um rádio na escola. Desde o processo de formulação de projeto até sua efetivação, toda a metodologia pode ser explorada para uma ação direta que leve educando e educador a terem posturas dialógicas na condução e formulação do saber, tendo como pretexto a rádio.

Perfazendo um caminho que conduza como produto final a constituição da autonomia do sujeito podemos elencar os seguintes passos: a compreensão de mundo; a re-leitura do mundo; a dialogicidade; a intervenção no meio, a comunicação da aprendizagem como consequência do conhecimento adquirido.

Este caminho pode se encontrar ora mais forte ora menos no processo da formulação da rádio na escola. Tudo dependerá de como será a condução e intencionalidade de quem a propõe.

É possível através da formulação de uma rádio na escola criar potencialidades de ensino aprendizagem tendo como fundo a pedagogia freireana se tiver como intencionalidade o respeito aos diversos passos que se propõe. Uma escola onde se possa prezar pelo consenso democrático, a participação de toda a comunidade escolar, e busca da interação dos indivíduos respeitando equitativamente a participação, são exigências pertinentes para que se consiga uma formação de autonomia e ao mesmo tempo se produza um ensino aprendizagem com responsabilidade e qualidade.

O desafio que vem dessa prática esta na condição de efetivar em meio aos educandos as possibilidades trazidas pela pedagogia freireana. O desafio é maior do que o resultado que se possa obter.

Sendo assim, a busca de formar jovens e adolescentes na autonomia está para além de uma proposta de uma corrente, deveria ser dever inerente a educação e a função do educador. A rádio, entre tantos outros meios, pode ser um meio contributivo para a metodologia que gere autonomia, mas ela não se faz por si só, e antes preciso um método agrupador que toda a comunidade escolar faça parte.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFIA

ASSUMPÇÃO, Zeneida Alves de. **Radio escola:** locus de cidadania, oralidade e escrita. Universidade Estadual de Ponta Grossa, UNI revista - Vol. 1, n° 3 : jul. 2006.

_____. **A rádio escola: uma prática educativa eficaz.** Departamento de Comunicação Universidade Estadual de Ponta Grossa. 2001.

BALTAR, Marcos. Et. Alt. **Rádio escolar:** uma ferramenta de interação sócio discursiva. Universidade de Caxias do Sul - Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 8, n. 1, 2008.

BALTAR, Marcos. **Letramento radiofônico na escola.** Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 3, p. 563-580, set./dez. 2008.

DE LIMA, Carlos Alberto Mendes. Secretaria Municipal de São Paulo. Fundamental e Médio – Guia de implementação de projeto de rádio escolar. 2006 disponível <<http://www.usp.br/nce/manual/paginas/manual1.pdf>> acesso em 14 de out. 2010.

DICK Hilário. **Gritos silenciados, mas evidentes: jovens construindo juventude na história.** São Paulo: Loyola, 2003.

FILHO. Sebastião Faustino Pereira No ar: comunicação e educação pelas ondas do rádio. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT14/ARTIGO%20XVI%20SEMANA%20DE%20HUMANIDADES.pdf>> acessado em 16/10/2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 17ª. Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

_____. *Ação cultural para a liberdade*. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

_____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

_____. *Pedagogia da Autonomia*. 9 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. Extensão ou comunicação? 7ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983 93 p.

_____. Política e educação : ensaios / Paulo Freire. – 5. Ed - São Paulo, Cortez, 2001.

GOTO, Roberto. Começos de Filosofia. 1. Ed. Campinas/SP: Átomo, 2000. v. 1. 140 p.

LIPOVETSKY, Gilles. Metamorfoses da cultura liberal: ética, mídia e empresa. Porto Alegre: Sulina, 2004.

MARCELO, Adriana Rabelo Rodrigues Radio na escola: o jornalismo como ferramenta no processo de ensino/aprendizagem. Unitau. SP. 200-. Disponível em <<http://www.estudosdotrabalho.org/RenanAraujo.pdf>> acessado em 22 de out. 2010.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias - Informática na Educação: Teoria & Prática. UFRGS. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, pág. 137-144. Porto Alegre, vol. 3, n.1 set. 2000 Disponível em <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/inov.htm>> acessado em 21 de out. 2010.

MORIN, Edgar. Os sete pilares necessários à educação do futuro. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

NASCIMENTO. Samanta Daisy Pinheiro. Implantação da rádio escola UESCO: o papel do mediador do jornalismo na educomunicação. II Simpósio de comunicação. Tecnologia e educação cidadã. Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação. nov. 2009. SP. Disponível em <<http://www.unicentro.br/redemc/2009/39%20uesco%20nascimento%20OK.pdf>> acessado em 19 de out. 2010.

NOVAES, Regina & Vital, Christina. A juventude de hoje: (re)invenções da participação social. In: Thompson, Andrés (org.). Associando-se à juventude para construir o futuro. São Paulo, Peirano, 2006.

REYZÁBAL, M. V. 1999. A comunicação oral e sua didática. São Paulo, Bauru, EDUC.

São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

SHOR. Ira, FREIRE Paulo. Medo e Ousadia – O Cotidiano do Professor Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SOARES. Ismar de Oliveira. In revista geografia – Entenda a Educomunicação. 2009. Disponível em <<http://conhecimentopratico.uol.com.br/geografia/mapas-demografia/26/artigo145874-1.asp>> acessado em 18 de out. 2010.

SOUZA, Ana Ines. A pedagogia de Paulo Freire. CEFURIA, Centro de Formação Milton Santos e Lorenzo Millani, Curitiba Intervenção na Scuoladi Pace di Boves Cuneo – Itália 2006. Disponível em: <<http://www.cefuria.org.br/doc/educpoppedpf.pdf>> Acessado em 12 de out. 2010.

SILVA, Cíntia Magalhães da. Rádio de Pátio na Escola: Análise do Programa Rádio Escola Sem Fronteiras sob a ótica da Educomunicação. 61 p. Monografia (graduação em Jornalismo) Faculdade de Comunicação Social e Biblioteconomia, Universidade Federal de Goiás, 2007. Disponível em <http://serv01.informacao.andi.org.br/-4582aa9a_116c5510f32_-7ffd.pdf> acessado em 21 de outubro de 2010.

SOUZA. Mathias Gonzalez de. Do rádio à TV e ao vídeo em sala de aula. Boletim nº 24 – Mídias na educação. Nov/Dez. 2006. Disponível em <<http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/175900Midiaeducacao.pdf>> acessado em 19 de out. 2010.

VIEIRA, Claudete Bonfanti. A dialogicidade na proposta curricular de escolas organizadas em ciclos de formação. 2007. 147 f. dissertação (mestrado em educação) Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC – Criciúma, 2007. Disponível em: <www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000032/000032EA.pdf> acessado em 18 de out. 2010.